

“ADIÓS PAMPA MIA”

Frederico José Bérghamo de Andrade
Cel Art Ex

Seria válido admitir-se uma parcela de contribuição brasileira à construção musical do tango argentino? Ou ainda à sua vasta bibliografia?

O processo de integração dos países sul-americanos, hoje em pauta no campo político e mesmo no militar, nos parece bastante facilitado quando comparado ao da comunidade europeia – já consumado –, e quando pensamos nas profundas afinidades culturais que nos unem através de uma mesma base linguística e de uma mesma religião dominante.

Nossas fronteiras, com praticamente todos os países sul americanos, funcionam como vasos comunicantes do ponto de vista cultural.

O Rio Grande do Sul, sua região fronteira, compartilhando de uma cultura platina com os países vizinhos, faz constar anualmente de seu calendário oficial o dia do *payador* gaúcho, herdeiro dos trovadores medievais da península ibérica. Os *payadores* são cantadores populares que, se fazendo acompanhar por uma guitarra, geralmente no compasso de uma milonga, improvisam versos. Uma espécie de repentista.

Jorge Luiz Borges, um dos maiores nomes da intelectualidade latino-americana, põe em evidência a vertente autenticamente *criolla* no processo de construção musical do tango, que, certamente, inclui a contribuição provinda dos pampas através, principalmente, das “payadas milongueras”. Ou seja, nas veias do tango corre sangue gaúcho.

“Adiós Pampa Mia” é um dos tangos mais executados até hoje no mundo. Letra de Ivo Pelay: *Al dejarte, pampa mia, ojos y alma llenan com el verde de tus pastos y el temblor de las estrellas, con el canto de tus vientos...* Porque “o pampa” não tem fronteiras culturais. Antes de ser argentino, brasileiro ou uruguaio, é gaúcho. Como Martin Fierro; como Antônio Chimango.

Faz parte da história do tango, ainda na *belle époque* ou no que restava dela, a exigência dos produtores europeus de eventos musicais para que os integrantes das primeiras orquestras típicas desse gênero popular se apresentassem vestidos com indumentárias gaúchas.

Já o tango canção teria surgido na Argentina próximo ao início dos anos 20 do século passado, quase simultaneamente ao movimento da Nova Guarda, sucessor da Velha Guarda, quando o tango era executado de uma forma exclusivamente instrumental, mais alegre, visando preponderantemente a dança, ou seja, a sua rica e revolucionária (para a época de moral vitoriana) coreografia.

Foi Carlos Gardel que, no teatro Empire, em Buenos Aires, interpretou o primeiro tango-canção. Principal parceiro de Gardel, que com ele morreu no acidente de Medellín, Alfredo le Pera, nascido em São Paulo, é considerado um dos maiores letristas do tango, sendo autor dos versos de *El día que me quieras*, *Por una cabeza* e *Cuesta abajo*, entre outros.

Homero Manzi, grande poeta e escritor argentino, integrante da corrente literária de Boedo, transformou Malena, cantora que conheceu em uma casa noturna de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, na mais famosa mulher do universo tanguero. “*Malena canta el tango como ninguna y en cada verso pone su corazón*”.

A emoção, o sentimentalismo e a nostalgia presentes nas músicas e nos versos dos tangos-canção adquirem uma dimensão universal na medida em que contagiam todas as pessoas atraídas por este gênero musical, o que faz com que cada uma delas possa vir a se encontrar, de alguma maneira, em um determinado tango.

No dizer de Eduardo Romano, moderno poeta e escritor argentino, “a relação entre tango e literatura existe e responde a um processo de ida e volta, ou seja, o tango não teria tido voz sem a literatura (argentina), porém esta, por sua vez, tampouco foi a mesma desde o surgimento do tango-canção”.

Também o vocabulário brasileiro ficou mais rico com o acréscimo de expressões provindas do lunfardo, gíria portenha muito utilizada pelos poetas do tango – como bacana, otário, entre tantas outras.

Por oportuno e pela beleza do texto, de autoria de Mario Sabino, jornalista e escritor brasileiro nascido em 1942, em plena década de ouro do tango argentino – cuja consciência tanguera deve ter sido despertada possivelmente ao tempo de um movimento de vanguarda que tinha em Astor Piazzolla sua maior expressão –, transcrevo o publicado na Folha de São Paulo, edição de 19 de setembro de 2010. Nele, entretanto, Sabino parece nos remeter, por meio de suas metáforas e personagens, ao que o tango tem de mais eterno, sublime e tradicional. De seu texto, selecionei os seguintes trechos:

“O que faz de um tango um tango não são as letras lamuriosas. O que faz de um tango um tango não são os passos ensaiados na tradição. O que faz de um tango um tango não é a orquestra com o ar cansado de quem tudo já viu. O que faz de um tango um tango não são as pernas altas da dançarina, calçadas em

meias pretas. Não é seu cabelo preso ora com flor, ora com fita. O que faz de um tango um tango não é o chapéu antigo do dançarino. Não são os seus sapatos lustrosos. Não é o seu terno de risca-de-giz. Não é o seu lenço dobrado no bolso da lapela. O que faz de um tango um tango não é Buenos Aires. Não é qualquer geografia. O tango não está no mundo das latitudes, das longitudes, das cartografia, dos guias turísticos.

O que faz de um tango um tango é a atração e a repulsa. É a tentação e medo. É o afeto e a raiva. [...].

O que faz de um tango um tango sou eu dentro de você na carne e você dentro de mim na alma, depois do último acorde, depois do último aplauso, depois da última lágrima, depois do último gozo.

O que faz de um tango um tango é a música que se quer silêncio. O silêncio dos amantes.”

A bibliografia sobre o tango contém valiosa contribuição de escritores brasileiros, na forma de livros, ensaios, estudos e artigos para jornais e revistas. Entre eles, cito José Lino Grunewald, autor de uma preciosa biografia de Carlos Gardel, que contém ainda, em anexo, um pequeno dicionário de termos lunfardos, e também Hélio de Almeida Fernandes, autor do livro “Tango, Uma Possibilidade Infinita”, que considero um dos melhores compêndios até hoje escritos sobre o tango. Sendo assim, é possível constatar-se o quanto tem sido intenso o envolvimento de pensadores brasileiros, escritores, ensaístas ou articulistas, com o tango argentino.